

2018

1º Semestre



**Módulo Discursivo
Redação**

VESTIBULAR FGV

GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS – RJ

Instruções para a Prova de REDAÇÃO:

- Confira se seu nome e RG estão corretos.
- Não se esqueça de assinar a capa deste caderno, no local indicado, com caneta azul ou preta.
- A duração total do Módulo Discursivo é de 4h.
- A redação deverá seguir as normas da língua escrita culta.
- O texto da redação deverá ter, no mínimo, 20 e, no máximo, 30 linhas escritas. Redações fora desses limites não serão corrigidas e receberão nota zero.
- A redação terá nota zero, caso haja fuga total ao tema ou à estrutura definidos na proposta apresentada.
- Transcreva o rascunho da redação para a folha definitiva. O que estiver escrito na folha de rascunho não será considerado para a correção.
- A redação deverá ser redigida com letra legível e, obrigatoriamente, com caneta de tinta azul ou preta. Redações que não seguirem essas instruções não serão corrigidas, recebendo, portanto, nota zero.
- É recomendável dar um título a sua redação.
- Não se identifique em nenhuma das folhas do corpo deste caderno, pois isso implicará risco de anulação.
- O candidato só poderá deixar definitivamente o local das provas depois de decorridas duas horas de seu início.
- Não haverá substituição deste caderno.
- O candidato é responsável pela devolução deste caderno ao fiscal de sala.
- Adverte-se que o candidato que se recusar a entregar este caderno, dentro do período estabelecido para realização das provas do Módulo Discursivo, terá automaticamente sua prova anulada.

NOME:

IDENTIDADE:

INSCRIÇÃO:

LOCAL:

DATA: 15/10/2017

SALA:

ORDEM:

Assinatura do Candidato: _____

ID: <ID>

Negros e brancos no mercado de trabalho

Não passa muito tempo sem que a imprensa divulgue alguma pesquisa “demonstrando” que os negros são discriminados no mercado de trabalho. É como se não somente os departamentos de recursos humanos mas todos os departamentos de nossas empresas fossem dirigidos por racistas inveterados. Do tipo que olha para um candidato a algum posto de trabalho e pensa: “É negro, pago menos.” Não há mal-intencionados entre esses pesquisadores, mas a visão é torta.

Vejamos o caso do Instituto Ethos, que luta com muito esforço para promover o conceito de responsabilidade social nas empresas. A cada dois anos, este instituto, em parceria com outras entidades, divulga um estudo sobre a participação do negro nas quinhentas maiores empresas do país. E sempre lamenta, em coro com os jornais, o mau posicionamento do negro no mercado de trabalho. A grande grita sempre gira em torno do fato de que uma parte expressiva das empresas não sabe responder quantos negros há em cada nível funcional. Em 2003, o número era de 27%; em 2006, caiu levemente para 24%. Esses dados sempre são divulgados como indício de que, no Brasil, existe racismo. Um paradoxo.

Quase um terço das empresas demonstra a entidades seriíssimas que “cor” ou “raça” não são filtros em seus departamentos de RH e, exatamente por essa razão, as empresas passam a ser suspeitas de racismo. Elas são acusadas por aquilo que as absolve. Tempos perigosos, em que pessoas com ótimas intenções não percebem que talvez estejam jogando no lixo o nosso maior patrimônio: a ausência de ódio racial. (...)

Não, nada é simples. O mal deste país não é o racismo. Ele existe aqui, como em todo lugar, mas, entre nós, nem de longe se transformou na marca de nossa identidade. Sempre nos orgulhamos do nosso ideal de nação, um país de miscigenados, em que o próprio conceito de raça faz pouco sentido. (...)

O nosso problema não é o racismo, mas a pobreza e o modelo econômico que, ao longo dos anos, só fez concentrar a renda: os que eram pobres permaneceram pobres ou ficaram mais pobres; e os que eram ricos, ricos ficaram ou enriqueceram ainda mais.

O Brasil deveria estar unido para resolver esse problema, distribuindo renda e investindo maciçamente em educação. Quando os pobres deste país tiverem uma educação de qualidade, todos terão a mesma chance no mercado de trabalho. E as distorções entre brancos e negros terão um fim.

Ali Kamel, **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar em uma nação bicolor**. RJ, Nova Fronteira, 2006. (Excerto).

Ali Kamel, Diretor de Jornalismo da **Rede Globo**.

Diferença de renda entre brancos e negros cresce com o desemprego.

O avanço do desemprego fez a desigualdade de renda entre brancos e negros voltar a crescer, interrompendo um processo de redução que se iniciara na década passada.

Entre 2015 e o primeiro trimestre deste ano, a remuneração recebida por brancos em todos os trabalhos teve variação positiva de 0,8%. Já o rendimento de pardos caiu 2,8% no período, e o de pretos, 1,6%, de acordo com dados e classificação do IBGE. (...)

O impacto da recessão econômica foi maior sobre negros do que sobre brancos porque eles estão concentrados no setor informal, mais vulnerável a oscilações, mas também, segundo especialistas, pela sobrevivência de uma visão racista no mercado de trabalho, à qual profissionais qualificados no setor formal não estão imunes. (...)

“Além de serem preferencialmente demitidos, os negros também são preferencialmente recusados”, afirma Caio Magri, presidente do Instituto Ethos, que desde 2001 estuda o perfil racial e de gênero das quinhentas maiores empresas com atuação no Brasil.

Segundo a edição mais recente do estudo, publicada em 2016, os negros concentram-se nos níveis de aprendiz (57,5%), estagiário (28,8%) e trainee (58,2%), cenário que reflete a ampliação do acesso ao ensino superior, resultado das políticas de financiamento Pro Uni e Fies.

Conforme se sobe na hierarquia empresarial, porém, o percentual de negros cai para 6,3% no nível de gerência, 4,7% no quadro executivo e 4,9% no conselho de administração, aponta o estudo. “Existe uma percepção cultural inconsciente de que, para uma mesma tarefa, o branco vai ser melhor que o negro”, diz o diretor do Ethos.

Um exemplo recente do que Magri se refere foi denunciado pelo presidente da filial brasileira da multinacional Bayer, Theo van der Loo. Segundo o executivo, um conhecido negro “com uma excelente formação e currículo” foi reprovado em processo seletivo por sua cor.

“Quando o entrevistador viu sua origem étnica, disse à pessoa de RH que ele não sabia deste detalhe e que não entrevistava negros!”, afirmou em rede social.

O profissional, que atua na área de tecnologia da informação, afirmou em entrevista à “BBC Brasil” que essa não foi a primeira vez que foi vítima de racismo em sua carreira — já foi chamado de “macaco” e ouviu que tinha sorte por “não ser burro”.

Fernanda Perrin, Repórter de Economia. **Folha de S. Paulo**. 20.05.2017. (Excerto).

Os textos aqui reproduzidos apresentam visões opostas da questão do racismo no Brasil. Com base nas ideias neles veiculadas, bem como em outras informações que você considere pertinentes, redija uma dissertação em prosa, na qual você apresente seu ponto de vista sobre o tema **Brasil: país sobretudo orgulhoso de sua miscigenação ou predominantemente racista?**

Rascunho da redação

O texto escrito nesta página não será considerado para a correção.

(Título)

5

10

15

20

25

30

Transcreva o rascunho da redação para a folha definitiva.

(Título)

5

10

15

20

25

30

VESTIBULAR  FGV

www.fgv.br/processoseletivo

0800 770 0423